

A trajetória da Editora Vecchi

Angela José do Nascimento *

No início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, surgiram duas editoras que segundo Laurence Hallewell tornaram-se importantes nos anos cinqüenta e sessenta. A primeira, fundada por Hector Antunes, em 1909, que revendia livros importados de Portugal; a segunda, em 1913, fundada por Arturo Vecchi, e "que afirma ter sido pioneira na edição no Brasil de livros de André Maurois, Ibsen, André Gide, Schopenhauer e Nietzsche; mais tarde veio a encontrar-se na edição de revistas e de livros infantis"¹.

ROMANCE EM FASCÍCULOS

O italiano Arturo Vecchi (1895-1969), natural de Parma, ao que tudo indica, chegou ao Brasil em 1913 e obteve recursos para fundar sua própria firma, vendendo de porta em porta, *Roman-feuilleton*, em fascículos, editados ora na Itália, ora na Espanha, em língua portuguesa. Segundo Delmon Bonato, gerente do Setor Comercial da Vecchi (funcionário da editora desde os anos trinta), os fascículos saíam semanalmente, e o folhetim levava de dois a três anos para terminar. Uma coleção completa possuía de 100 a 130 fascículos. O comprador pagava uma quota mensal, e ao todo eram 32 prestações².

Segundo ainda Bonato, com o dinheiro obtido na venda dos fascículos, Vecchi instalou sua editora primeiro na rua Santana, utilizando como mesas os caixotes que vinham da Europa com os folhetins em fascículos. Logo depois, a editora mudaria para a rua Riachuelo, 408, e só depois da II Guerra Mundial se instalaria no endereço atual, na rua do Resende, 144.

O primeiro romance em fascículos distribuído pela Vecchi foi *Maria, a fada do bosque*, de Lourenço Baltiere; se seguiram *conde-*

* Mestranda em Ciências da Comunicação na ECA-USP.

nada à morte e *Felipe de São Mauro*, de Guido Bassi; *Expulsa na noite de suas núpcias*, de Henry Tremière; *Flávia, a princesa desventurada e O ídolo do amor — a verdadeira história de Rodolfo Valentino*, de Hugo de América (pseudônimo de Adolfo Garbayo); *Sônia ou o calvário do povo russo*, do Visconde Leonardo de Monte Leona; e *A condessa cega*, de Alfonso de Florencia.

A revenda pela Vecchi de romances em fascículos durou até 1933, e, conforme coloca Bonato, “muitas vezes os autores dos folhetins eram escritores sem renome, que assinavam com pseudônimo. Quando o romance era bom levava muito tempo para terminar, quando era ruim, acabava logo”.

EDIÇÃO DE LIVROS

Em 1927, a Editora Vecchi, em co-edição com a Livraria Freitas Bastos, lançou seu primeiro livro, *A virgem de 18 quilates*, do escritor italiano Pitigrilli (Dino Segre). O romance tornou-se o mais famoso do autor no País, e no catálogo da Vecchi de 1956 já estava na sua 8ª edição. A editora foi responsável pela introdução de Pitigrilli no Brasil, editando a partir daí outros romances do escritor como *Ultraje ao pudor*, *Mamíferos de luxo*, *O homem que inventou o amor (O experimento de Pott)*, *Cocaína etc.* Bonato aponta algumas características do autor responsáveis pelo sucesso de seus livros: “vilulento, sarcástico e agressivo”.

A tiragem da primeira edição de *A virgem de 18 quilates* foi de cinco mil exemplares. Nas edições seguintes, as tiragens foram de cinco a nove mil exemplares. A Vecchi também foi responsável pela edição do primeiro livro sobre a II Guerra Mundial, de André Malraux, *A tragédia na França*, que obteve enorme sucesso de público com várias edições chegando a tiragem a dez mil exemplares.

No pós-guerra, segundo dados levantados por Laurence Hallewell, a Vecchi possuía doze títulos³. A edição de livros de autores consagrados como André Gide, *De volta da Rússia*, com cinco mil exemplares, depois reeditado com o título *Retoques ao meu De volta da Rússia*, consolidou-se entre os anos 50 e 51.

REVISTAS FEMININAS

E foi exatamente em 1947, dois anos depois de terminada a II Guerra que a Editora Vecchi, lançou no mercado brasileiro a revista *Grande Hotel*, conhecida por gibi para adultos, e segundo Bonato “a pioneira entre publicações brasileiras no gênero”. O primeiro número da revista saiu com 25 mil exemplares e na mesma semana a tiragem dobrou. No seu interior, *Grande Hotel* trazia a primeira novela desenhada que surgiu no Brasil.

Segundo Dulcília Buitoni, após a II Guerra “A fotonovela surgiu na Europa dentro de um contexto de sentimentalização da imprensa

sa voltada para as mulheres. As editoras descobriram que era preciso falar dos problemas amorosos das pessoas (...) Primeiro, as revistas apresentavam histórias românticas em quadrinhos desenhados; depois vieram as fotos. A idéia surgiu na Itália, sendo logo adotada na França. No Brasil, a revista *Grande Hotel*, da Editora Vecchi, lançada em 1947 com o mesmo nome de uma similar italiana, também publicou primeiramente histórias de amor em quadrinhos desenhados; fotonovela só em 1951”⁴.

Conforme nos informa Bonato, logo depois da II Guerra, a Vecchi comprou os direitos de edição da *Grande Hotel* no Brasil, gênero de revista que já fazia sucesso na Itália. As histórias desenhadas levavam de três a quatro meses para terminarem e, conseqüentemente, o público era obrigado a adquiri-la semanalmente para acompanhar o enredo das novelas. As novelas em quadrinhos desenhadas tiveram sua evolução para as fotonovelas com histórias completas. Comenta Bonato que, por ter o gênero de *Grande Hotel* dado certo, outras editoras passaram a publicar suas revistas no mesmo estilo e a concorrência determinou o fim de *Grande Hotel*. Na sua fase áurea, a revista chegou a tirar 220 mil exemplares por semana.

Nos anos cinquenta, a Vecchi chegou a lançar a coleção das histórias desenhadas de *Grande Hotel* como “Almas Acorrentadas”, “Anjos na Tempestade”, “O Beijo sob as Estrelas”, “Uma Sombra no Coração” e “Presente de Núpcias”.

Outras revistas lançadas pela editora, dirigida ao público feminino, viriam atrás do sucesso de *Grande Hotel*: *Figurino Moderno*, *Casa e Decoração*, *Figurino Infantil* e *Andorinha*. Esta última, uma revista para o lar, com contos, vendida a domicílio, de quatro em quatro número dava de brinde às leitoras um figurino, *Moda Prática*.

LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Nos anos sessenta, a Vecchi se consagraria na atividade editorial ligada à literatura infanto-juvenil, chegando a conquistar o 10º lugar, na relação da Biblioteca Pública da cidade de São Paulo, de fontes de livros utilizados pelas crianças⁵. Em 1956, constava de seu catálogo a coleção Os Mais Belos Contos de Fadas, “dos mais famosos autores, e, magníficos livros-álbuns de grande formato, cartonada, cheios de belas ilustrações, com capas soberbamente coloridas”. E segue uma série de contos tchecos, ingleses, chineses, hindus, russos, iugoslavos, franceses, poloneses, portugueses, irlandeses, todos nas suas terceira ou quarta edições.

Afirma Bonato que a edição de livros infanto-juvenis pela Editora Vecchi iniciou-se em 1940. Constavam também do seu catálogo a Coleção Preciosa, com *O paraíso juvenil*, de Nathaniel Hawthorne, e a coleção As Jóias dos Contos de Fadas, com preciosas ilustrações multicores e o acréscimo de bonitas figuras recortáveis: *A gata borralheira*, *Os 13 irmãozinhos* e *o ogro*, *O gato de botas*, *A bela adormecida*, *As aventuras do senhor bicudo*, todos de Charles Per-

rault; *Aladim e a lâmpada maravilhosa*, *Ali-Babá e os 40 ladrões*, *A princesa raio de sol*, estes do livro *As Mil e Uma Noites*; *Branca de Neve*, *Nino e Rita*, *Os animais músicos*, dos Irmãos Grimm; *O fuzil mágico e horas alegres*, de Andersen; *Pinocchio*, de C. Collodi; *Mimoso, o amigo dos ratos*, *Mimoso, coração de ouro*, de J. Colombine Monti; e até *Don Quijote de La Mancha*, de Cervantes.

Bonato acrescenta que a editora também é responsável pela introdução do primeiro álbum de figurinhas feito por editor. Anteriormente as figurinhas vinham apenas nas balas. O primeiro álbum saiu em 1951, *Branca de Neve e os 7 Anões*, de Walt Disney. As revistas com histórias em quadrinhos também tiveram grande espaço na Vecchi, que lançou *O Gato Félix*, *O Sobrinho do Capitão*, entre outras. A mais famosa, entretanto, foi a *MAD* brasileira, sob a responsabilidade de Otacílio, o atualmente popular Ota.

O MILAGRE E A FALÊNCIA

O pioneiro Arturo Vecchi morreria aos 74 anos, em 1969, deixando a editora para seus três filhos, Lotário Campelo, Élide Maria e Iolanda Maria Campelo Vecchi. A direção da empresa ficou a cargo de Iolanda, assessorada na vice-presidência pelo seu irmão Lotário. Este, no entanto, saíra da editora em novembro de 1981.

Em termos de impressão, a Vecchi acompanhou o desenvolvimento das técnicas gráficas. As primeiras publicações em tipografia, eram impressas numa máquina italiana, Rápida de Lucco. Em 1947, para o lançamento de *Grande Hotel*, adquiriram uma *offset*, quatro cores. No final dos anos cinquenta, para as grandes tiragens das revistas, compraram as rotativas Roland e, em 1980, a rotativa alemã Koenig & Bauer, iniciando a expansão de seu parque gráfico, com a construção de uma nova sede industrial às margens da Av. Brasil, na altura da Penha.

No seu folheto promocional, a editora informava que para montar a nova sede industrial adquiriu os seguintes equipamentos: duas novas máquinas de acabamento de colagem de lombo, marca Sulby, de origem inglesa, uma com 16 estações e outra com 8 estações de alceamento, que somariam à atual, Jet-Blinder, 18 estações; mais uma Roland com quatro unidades, passando a contar com 16 unidades de impressão, num total de duas máquinas de duas cores e três máquinas de quatro cores, todas no formato 5, ou seja, 89 x 127cm; e a impressora Koenig & Bauer, modelo Compacta, que somada às outras três já existentes "constituirá um dos maiores conjuntos de rotativas *offset* do país, à disposição de editores de livros e revistas, bem como ao mercado de folhetos, guias, catálogos etc.⁶.

Em novembro de 1981, Lotário Campelo Vecchi, em desentendimentos com a irmã, se desliga da empresa, que passa a ser comandada por Iolanda. No ano seguinte, 1982, a Editora Vecchi entra em concordata. Desde o ano anterior a empresa já apresentava problemas financeiros. Em agosto de 1983 é decretada a falência da

Vecchi, que entra com um mandado de segurança; porém, perde-o em março de 1984. É neste ano que o *Jornal do Brasil* se torna avulsa da editora, garantindo a manutenção de seus empregados e do que restava do patrimônio, imprimindo ali diversos trabalhos gráficos.

A ATIVIDADE EDITORIAL

Nos anos de intensa atividade editorial, a Vecchi diversificou sua produção, publicando além de revistas, romances, antologias, contos, poesias, ensaios, obras teóricas, biografias, autobiografias, memórias, vida de santos etc. Os romances, desde os primeiros folhetins em fascículos, foram a base da editora, nos mais diversos estilos: de aventuras, policiais, de amor, políticos, sociais.

Romances de autores consagrados: André Gide, Maurice Leblanc, Arsene Lupin, Pitigrilli. A Vecchi também é a responsável pela introdução do colombiano Vargas Villa, escritor muito apreciado pelo público brasileiro nos anos cinquenta, pelo lançamento do poeta J. G. de Araújo Jorge e do romancista Dalcídio Jurandir, 1º Prêmio do Concurso Vecchi-Dom Casmurro. Outros escritores brasileiros foram lançados pela editora: Clóvis Ramallete, Jesuíno Ramos, Omer Mont'Alegre, J. Soares Dutra, entre outros.

NOTAS

1. Laurence Hallewell, "O Rio no começo do Século XX", in *O livro no Brasil*, São Paulo, T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1985, p. 203.
2. Entrevista de Delmon Bonato a Angela José, concedida nos escritórios da Editora Vecchi, Rua do Resende, 144, Rio de Janeiro, janeiro de 1986.
3. Laurence Hallewell, "Octalles Marcondes Ferreira", in *O livro no Brasil*, op. cit., p. 293.
4. Dulcília Schroeder Buitoni, "Suplemento Histórico: O Brasil", in *Imprensa Feminina*, São Paulo, Editora Ática S.A., 1986, p. 48.
5. Laurence Hallewell, "Monteiro Lobato", in *O livro no Brasil*, op. cit., p. 258.
6. *Novos Rumos*, folheto promocional. Rio de Janeiro, Editora Vecchi, 1981.